

ARQUITETURA EFÊMERA: Das Raízes Históricas ao Desenvolvimento Contemporâneo - Uma Revisão Bibliográfica

EPHEMERAL ARCHITECTURE: From Historical Roots to Contemporary Development - A Bibliographic Review

Laira Kichel Alves¹ e Lauro André Ribeiro²

¹Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, ATITUS Educação, Passo Fundo/RS, Brasil. laira31alves31@gmail.com

²Doutor em Sistemas Sustentáveis de Energia, ATITUS Educação, Passo Fundo/RS, Brasil. lauro.ribeiro@atitus.edu.br

Resumo: A arquitetura efêmera, desde suas primeiras manifestações, evoluiu de simples tendas utilizadas pelos nômades para complexas estruturas temporárias amplamente utilizadas em exposições e diversos eventos culturais. Essa tipologia arquitetônica alinha-se à estética, inovação tecnológica e funcionalidade para atender às demandas práticas e sociais da civilização. Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica sobre o papel da arquitetura efêmera até a contemporaneidade, com ênfase em compreender sua adaptação às exigências atuais de sustentabilidade, inovação tecnológica e difusão cultural. A pesquisa bibliográfica e documental possibilitou a análise da evolução construtiva, materiais utilizados e técnicas de modularidade, evidenciando que essas construções se tornaram espaços de experimentação multidisciplinar. A análise demonstra que as estruturas efêmeras são amplamente utilizadas na valorização de experiências culturais e sociais, integrando aspectos tecnológicos, estéticos e sustentáveis. Observou-se ainda uma lacuna científica no que diz respeito a estudos que abordem de maneira integrada essas áreas, revelando a necessidade de investigações que contemplem história, inovação, sustentabilidade e função das estruturas e espaços temporários. Assim, o estudo contribui para a teoria e prática da arquitetura efêmera, oferecendo fundamentos para profissionais e pesquisadores com interesse na compreensão desse tipo de arquitetura com relação ao desenvolvimento sustentável, comunicação e identidade cultural na atualidade.

Palavras-chave: Arquitetura Efêmera. Estruturas Temporárias. Inovação tecnológica. Sustentabilidade.

Abstract: Ephemeral architecture, from its earliest manifestations, has evolved from simple tents used by nomads to complex temporary structures widely used in exhibitions and various cultural events. This architectural typology aligns with aesthetics, technological innovation, and functionality to meet the practical and social demands of civilization. This article presents a bibliographic review on the role of ephemeral architecture up to the contemporary period, with an emphasis on understanding its adaptation to current requirements of sustainability, technological innovation, and cultural dissemination. Bibliographic and documentary research enabled the analysis of constructive evolution, materials used, and modular techniques, evidencing that these constructions have become spaces of multidisciplinary experimentation. The analysis demonstrates that ephemeral structures are widely used in the enhancement of cultural and social experiences, integrating technological, aesthetic, and sustainable aspects. A scientific gap was also observed regarding studies that address these areas in an integrated manner, revealing the need for investigations that encompass history, innovation, sustainability, and the function of temporary structures and spaces. Thus, the study contributes to the theory and practice of ephemeral architecture, providing foundations for professionals and researchers interested in understanding this type of architecture in relation to sustainable development, communication, and cultural identity in the present day.

Keywords: Ephemeral Architecture. Temporary Structures. Technological Innovation. Sustainability.

1. INTRODUÇÃO

A arquitetura efêmera tem se manifestado desde os primórdios da humanidade, seja por meio de tendas utilizadas pelos nômades durante conflitos para facilitar a mobilidade ou em feiras de comércio destinadas ao escambo, evoluindo e adaptando-se para suprir as necessidades da sociedade e tornando-se palco de inúmeras inovações estéticas, funcionais e tecnológicas (Dantas, 2010).

No contexto histórico, a arquitetura efêmera ganhou visibilidade a partir das Exposições Universais no século XIX (Monasterio, 2006), deixando de ser apenas uma estrutura temporária para virar palco de soluções arquitetônicas inovadoras e tornar-se um espaço de grande valor social e simbólico para as nações (Levy (1998). Além de constituírem o espaço físico, as formas arquitetônicas passaram também a atuar como elementos de comunicação e representação cultural (Machado, Sousa e Lavandoski, 2023).

Diante desse percurso histórico, este artigo visa realizar uma revisão bibliográfica sobre o papel da arquitetura efêmera até a contemporaneidade e compreender como ela tem se adaptado às exigências contemporâneas de sustentabilidade, inovação tecnológica e difusão cultural.

Este estudo se justifica pela escassez de pesquisas que integrem os aspectos históricos, tecnológicos, sociopolítico-culturais e sustentáveis da arquitetura efêmera, mostrando a importância de uma abordagem que amplie a compreensão teórica e prática do tema.

Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental como ferramenta para compreender e coletar os pontos principais do tema em questão, trazendo uma análise que evidencie a relevância da arquitetura efêmera até a contemporaneidade, sobretudo com relação à sustentabilidade, tecnologia e experiências culturais e sociais.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. A Arquitetura Efêmera

O adjetivo efêmero tem origem em duas palavras do vocabulário grego: *epi* (sobre) e *hēmera* (dia). Sua definição pode ser dada como algo passageiro ou transitório, que existe por um determinado espaço de tempo (Monasterio, 2006). Ao pensar no sentido amplo da palavra, o termo “arquitetura efêmera” é muito relativo, pois só pode realmente ser compreendido ao compararmos a longevidade de um pavilhão para uma exposição à construção de uma casa. Mesmo que a arquitetura idealizada seja passageira ou duradoura, o fato é que não se sabe exatamente por quanto tempo permanecerá ou deixará de existir (Melo, 2019).

Segundo Monasterio (2006), há uma ligação conflituosa entre a arquitetura e a efemeridade, uma vez que a arquitetura, que carrega contextos históricos e culturais, é também marcada pelas técnicas construtivas e sua durabilidade. Em contraste, a Arquitetura Efêmera consiste em uma edificação que existe por um curto espaço de tempo e anuncia seu próprio fim, perdurando apenas pelo tempo de sua existência.

Para Carnide (2012), o admirador ou o autor da obra é livre para determinar quando uma obra nasce e morre sob a sua ótica de definição de efemeridade, conceituando o tempo como um elemento

ambíguo, uma vez que não existe um período exato pelo qual uma edificação deveria existir, ou seja, de certa forma toda e qualquer edificação poderia ser considerada efêmera.

Segundo Paz (2008), a principal função de uma edificação temporária é melhorar ou realçar um espaço que tenha a mesma função temporária. É essencial entender o espaço arquitetônico no qual a obra estará inserida no seu curto período de existência, valorizando a percepção sensorial e tátil do ambiente. Luz, sombra, cor, som, água, fogo e vegetação são elementos imateriais que podem transformar eficazmente o ambiente, muitas vezes mais do que as estruturas permanentes (Arboix, 1999).

Monasterio (2006) argumenta ainda que tão importante quanto o próprio objeto é também o local onde ele está exposto, já que o espaço destinado a ele deve ser capaz de fazer a comunicação entre o objeto e o público. A autora usa uma obra de arte como exemplo para justificar seu ponto: sem a iluminação correta, ela não consegue revelar toda a sua essência, pois depende da luz para valorizar adequadamente seu volume e textura.

As tipologias da arquitetura efêmera podem ser classificadas em atividades sociopolítico-culturais ou atividades comerciais. As atividades sociopolítico-culturais estão relacionadas ao entretenimento, cultura, crenças religiosas, movimentos políticos e necessidades emergenciais, em que é possível citar como exemplos: estruturas voltadas para shows ou espetáculos, estruturas destinadas a comícios políticos ou cerimônias religiosas e até mesmo construções emergenciais e acomodações temporárias. Já as atividades comerciais estão relacionadas à propaganda e venda de produtos, como ocorre, por exemplo, em feiras e exposições que utilizam pavilhões, chalés, estandes, quiosques, lojas ou escritórios itinerantes para atender às suas necessidades (Monasterio, 2006).

2.2. Origens e Funções Sociais das Estruturas Efêmeras

Na Idade Média, os nômades utilizavam tendas portáteis constituídas por materiais trançados ou peles de animais para se abrigarem, fazendo da mobilidade uma estratégia de guerra. Este é o primeiro registro que se tem da arquitetura efêmera, segundo Monasterio (2006). Ainda segundo a autora, essa arquitetura também foi utilizada durante o Império Romano em celebrações públicas.

No momento em que os homens reconheceram que o escambo seria vantajoso, eles passaram a se encontrar em regiões distintas para fazê-lo e assim surgiram os mercados e as feiras. As feiras caracterizam até os dias atuais a evolução do processo de comercialização. Apenas no final do século XVIII surgem as “exposições” que inicialmente eram apenas destinadas a exibir os objetos sem a finalidade de comercialização (Dantas, 2010).

A arquitetura efêmera no contexto de ambientes voltados a exposições e eventos surgiu na Idade Moderna para satisfazer visualmente a aristocracia burguesa e a primeira exposição de máquinas ocorreu em 1761 em Londres como consequência da expansão industrial (Monasterio, 2006). Segundo Dantas (2010), esses eventos tinham o intuito de unificar a produção industrial mundial, permitir a troca de informações entre os países e estimular um elo comercial entre as indústrias.

Já em 1798, Napoleão Bonaparte realizou na França a primeira exposição de produtos nacionais, focando na manufatura de objetos utilitários, têxteis, vidro, cerâmica, entre outros. Outras exposições realizadas na França em 1801 e 1802 marcaram o início de uma nova era no país (Monasterio, 2006).

Por volta da metade do século XIX, a Sociedade das Artes em Londres demonstrou interesse em uma exposição internacional, ou seja, deixar de limitar as exposições apenas a produtos nacionais. A mesma ideologia foi manifestada pela Inglaterra, que tinha uma situação mais favorável para concretizar essa exposição universal internacional (Levy, 1998).

Em 1851, em um evento com cinco meses e meio de duração e cerca de 15.000 expositores, Londres realiza a primeira exposição internacional (Levy, 1998). O Palácio de Cristal, edifício que concentrava todos os países expositores, foi projetado por Joseph Paxton e tinha como materiais predominantes o vidro e o ferro. Construído de maneira que não era necessária a iluminação artificial, as estruturas pré-fabricadas modulares do Palácio de Cristal reduziram o custo da exposição ao mesmo tempo que foi concluído em tempo extraordinário (Tonetti, 2013).

A segunda exposição internacional aconteceu na França, na cidade de Paris em 1855, com um total de 24.000 expositores, tendo como principais edifícios o Palácio da Indústria, o Palácio de Belas Artes e a Galeria da Máquinas (Levy, 1998). Os dois Palácios foram construídos com a intenção de abrigarem exposições permanentes, e tiveram uso para esta finalidade até 1896 (Lima, 2022).

Em 1862, Londres torna-se palco da terceira exposição internacional que tem como principal pavilhão o Palácio da Exibição, projetado por Francis Fowke. A estrutura era composta por tijolo, ferro, vidro, madeira e pedra, utilizando métodos construtivos similares ao Palácio de Cristal (Lima, 2022).

Embora a maior parte das estruturas para as exposições fossem projetadas em caráter temporário, a Torre Eiffel, construída por Gustave Eiffel para celebrar o centenário da revolução francesa e ser exposta temporariamente em 1889 na exposição universal de Paris, tornou-se permanente e até os dias atuais é conhecida como símbolo do país francês (Monasterio, 2006).

Levy (1998) afirma que as exposições universais se tornaram cenário ideal para que a indústria apresentasse seus avanços, tanto arquitetônicos como na produção e comercialização de produtos. Em meados do século XX, ficou evidente a separação entre as exposições universais e as feiras especializadas e comerciais (Monasterio, 2006).

2.3. As primeiras exposições brasileiras

Embora o Brasil tenha participado de diversas exposições universais, o país teve pavilhão próprio em apenas alguns casos, como por exemplo na exposição de Paris em 1889, St. Louis (EUA) em 1904, Nova York em 1939, Bruxelas em 1959 e Osaka em 1970 (Monasterio, 2006).

A primeira exposição em território brasileiro ocorreu em 1861 e permaneceu aberta durante 45 dias, durante esse período, atraiu cerca de 50.000 visitantes. O maior grupo de expositores foi da Província do Rio de Janeiro e da capital, ocupando 85% do espaço de 3000 m² da exposição. Em 1866, o Brasil promove a segunda exposição com duração de 57 dias e 53.000 visitantes, e em 1873 a terceira exposição com duração de 33 dias e 42.000 visitantes. Nas duas décadas seguintes, mais três

exposições foram realizadas nos anos de 1875, 1881 e 1888, e então após o início da república o Brasil só volta a organizar uma exposição nacional em 1908 (Dantas, 2010).

Com o intuito de celebrar o centenário da Abertura dos Portos, a Exposição Nacional de 1908 foi promovida com o objetivo de dar visibilidade à nova capital do país, o Rio de Janeiro reurbanizado. Surgiu então naquele ano o título de “Cidade Maravilhosa” (Dantas, 2010). O evento era voltado à exibição de produtos agrícolas, industriais, pastoris e de artes liberais dos Estados. É importante salientar que uma característica lúdica foi fortemente desenvolvida nas exposições nacionais, como forma de atrair as pessoas pela emoção. A Exposição Nacional de 1908 ofereceu ao público uma área destinada a entretenimento, inclusive com direito a espetáculo de fogos. A tradição festiva brasileira foi salientada inclusive pelos viajantes estrangeiros (Levy, 1998). Segundo Monasterio (2006), a Exposição Nacional de 1908 pode ser considerada a maior mostra da América Latina.

Segundo Levy (1998), a exposição ocupou 182.000 m² dos quais 42.000 m² foram destinados a área de entretenimento que tinha um horário de funcionamento prolongado até a meia-noite, enquanto os pavilhões encerravam suas atividades às 20:00 horas. Foram montados dois restaurantes, cervejarias e cafés para atender ao público, além de um teatro capaz de acomodar 800 espectadores. Eventos como este, além de possuírem caráter lúdico, também exerciam funções políticas e sociais.

O local escolhido para a realização da exposição foi um terreno entre a Praia da Saudade e a Praia Vermelha que tinha, segundo os organizadores, um ponto favorável à exposição que eram dois prédios com obras interrompidas há tempos e que poderiam ser aproveitados para abrigarem os maiores palácios, ficando em caráter permanente no local após o encerramento da exposição. Todos os demais edifícios foram construídos desde a fundação, inclusive uma pequena linha férrea com o intuito de facilitar a locomoção entre os pavilhões (Levy, 1998).

Segundo Levy (1998), na Exposição Nacional é possível agrupar as edificações em três grupos: de alvenaria de tijolo e concreto, de madeira e de ferro. No grupo das edificações de alvenaria de tijolo e concreto podemos destacar o Palácio dos Estados e o Palácio da Indústria; no grupo das edificações em madeira podemos citar a Porta Monumental e o Pavilhão Egípcio, ambos revestidos com estuque, e também o Chalet de Santa Catarina e o Pavilhão da Imprensa, ambos em madeira aparente; e por fim no terceiro grupo das edificações construídas em ferro, podemos citar quiosques e coretos.

Logo após a finalização da exposição, vários pavilhões foram demolidos, outros, por sua vez, perduraram por mais alguns anos. O Palácio dos Estados, em uso até os dias atuais, e o Palácio da Indústria, destruído posteriormente em 1935 em um levante político, foram os únicos dois edifícios que permaneceram em uso após a exposição, edifícios os quais foram mencionados anteriormente como motivo para a escolha do local para a realização do evento (Levy, 1998).

As soluções construtivas que foram utilizadas na Exposição Nacional de 1908 foram consideradas criativas para uma construção monumental em um curto espaço de tempo, porém o que predominou foram técnicas e materiais tradicionais, sem avanços de cunho tecnológico (Levy, 1998).

2.4. Evolução das técnicas construtivas e materiais

A arquitetura efêmera direcionada às exposições vem envolvendo arquitetos e engenheiros e sendo palco de grandes inovações experimentais em todas as épocas. De grandes construções desmontáveis no século XIX, até a evolução para modernos pavilhões no início do século XX, e então o desenvolvimento de novas tecnologias e a inovação das formas também em meados do século XX, essas edificações aliaram-se às necessidades comerciais da sociedade através de conceitos e tendências arquitetônicas (Monasterio, 2006).

Houve uma mudança significativa nos espaços utilizados para a promoção das grandes feiras mundiais após a Segunda Guerra. Esses espaços passaram a ser destinados à produção de eventos de cunho mais específico, como feiras de negócio internacionais e feiras especializadas. Essa mudança ocorreu visando resolver o problema dos produtos em baixa circulação em consequência da grande crise mundial. Ainda que utilizassem as mesmas tendências construtivas, as grandes feiras mundiais passaram a ser atreladas a um percurso humanista divulgando culturas e desenvolvimento tecnológico, enquanto as feiras internacionais de negócio tinham o objetivo de venda e divulgação de produtos de diversos setores (Monasterio, 2006).

Os objetivos dos projetos efêmeros nas exposições são promover a imagem e transmitir mensagens dos expositores para o público, o que liga a arquitetura promocional diretamente ao setor de marketing das empresas fazendo-se necessário um conhecimento interdisciplinar para obter-se o resultado desejado. O conceito de estandes de exposição baseia-se na necessidade de promover harmonia e organizar os espaços de forma modular (Monasterio, 2006). Para Lima (2022), os pavilhões permitem uma arquitetura mais ousada quando comparados aos edifícios convencionais, com o uso de diferentes materiais e uma rápida construção.

Segundo Paz (2008), o ponto mais importante da arquitetura efêmera é o fato de ela ser portátil, possibilitando difundir histórias e experiências de lugares específicos para outras regiões, em consequência de sua mobilidade. Para que a edificação exerça essa função, é imprescindível acertar nos parâmetros utilizados para sua construção, como o material, tipo de estrutura, processo de montagem/desmontagem e logística, conferindo assim um bom desempenho ao objeto.

O avanço das técnicas relacionadas às estruturas modulares leves desenvolveu-se lentamente, todavia significou um grande avanço na flexibilidade e construção dos espaços temporários. Embora haja esta facilidade das estruturas modulares, uma parcela das grandes empresas ainda prefere investir em estandes sob medida, o que dificulta a execução pré-fabricada e necessita de uma construção artesanal. Entre os principais materiais utilizados estão o gesso acartonado, o MDF, o vidro, o policarbonato, a madeira e as estruturas de ferro ou alumínio. A execução de coberturas em locais cobertos geralmente é composta por têxteis, como tecidos elásticos e TNT, sendo de caráter apenas decorativo e suportadas por estruturas tensionadas. Por outro lado, nas exposições externas são utilizados tecidos vinílicos, com proteção ultravioleta e impermeáveis à água (Monasterio, 2006).

Segundo Paz (2008), para um objeto arquitetônico ser retirado de um lugar, ele deve adotar táticas como a partição, compactação e rigidez. A partição divide o objeto em partes menores para facilitar seu transporte ou armazenamento. A compactação utiliza os espaços vazios que constituem a área de utilização do objeto para torná-lo compacto. E por fim a rigidez, em que o objeto se torna sólido e

inteiro. Para que seja possível compreender na prática o emprego dessas táticas, o autor cita uma barraca de camping como exemplo, uma vez que ela é composta por elementos desmontáveis e dobráveis.

Além da montagem dos elementos, é essencial considerar as etapas de desmontagem e remontagem das estruturas, salientando que as técnicas utilizadas não podem danificar os elementos de maneira que inviabilizem sua reutilização. Essa etapa pode ser comparada à utilização de um guarda-chuva, que depois de utilizado, deve ser fechado e abrir-se novamente quando houver uma nova demanda (Paz, 2008).

2.5. A contemporaneidade: sustentabilidade e normativas

Segundo Razan (2016), o Brasil teve um aumento significativo na realização de eventos de grande porte, assumindo a 1ª posição na realização de eventos internacionais entre os países da América do Sul e ocupando a 9ª posição no ranking mundial. As cidades que receberam maior concentração de eventos internacionais itinerantes foram respectivamente: Rio de Janeiro, São Paulo, Foz do Iguaçu, Florianópolis e Porto Alegre, as últimas duas ocupando a mesma posição no ranking.

Além de difundir cultura e expandir barreiras geográficas, eventos culturais e musicais promovem a união de pessoas de todo o mundo (Machado, Sousa e Lavandoski, 2023). A NBR ISO 20121 define um evento como “encontro planejado em relação a um período de tempo e um local onde uma experiência é criada e/ou uma mensagem é transmitida” (ABNT, 2012, p.3).

Embora a realização de um evento apresente vários benefícios para os envolvidos, os princípios do desenvolvimento sustentável têm sido pautados desde a década de 60 e são essenciais na tentativa dos organizadores e das pessoas em geral minimizarem os impactos ambientais que serão gerados (Razan, 2016).

Para Giacaglia (2006), planejar preventivamente o impacto das ações provocadas pela realização dos eventos interfere positivamente entre as partes envolvidas. Cuidados como o ciclo de vida dos produtos utilizados, desde a extração da matéria-prima, passando pela fabricação, distribuição, uso e descarte ou reutilização são de extrema importância para garantir o menor impacto ambiental possível (Machado, Sousa e Lavandoski, 2023).

No ano de 2012, essas preocupações resultaram na criação de norma ISO 20121 focada na gestão sustentável de eventos, que foi desenvolvida em conjunto com 35 países, sendo coordenada pela Inglaterra (BSI – *British Standards Institution*) e tendo o Brasil (ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas) na secretaria-geral (Cunha et al., 2013). A ABNT NBR ISO 20121 possui conteúdo e forma idêntica à ISO 20121, ambas foram publicadas no ano dos Jogos Olímpicos de Londres (Lima et al., 2021). A ISO 20121 foi revisada no ano de 2024, levando em consideração a evolução dos eventos e da sustentabilidade (SGS, 2024).

A norma ISO 20121 é de adesão voluntária e traz especificações para um sistema de gestão sustentável para eventos de qualquer porte e formato, buscando implementar melhorias desde a concepção e planejamento até o pós-evento (Lima et al., 2021). Um dos primeiros grandes eventos

do mundo a receber a certificação ISO 20121 – Eventos Sustentáveis foi o Rock in Rio, no ano de 2013 (Machado, Sousa e Lavandoski, 2023).

Para Razan (2016), é essencial o estudo e a disseminação da norma principalmente entre os gestores e profissionais envolvidos no processo. Segundo Cunha et al. (2013), uma das maiores dificuldades em relação à norma ISO 20121 é a compreensão do texto pela maioria das pessoas, incluindo gestores que tenham interesse em obter a certificação, pois uma vez que a adesão à norma é opcional, um dos fatores decisivos para a busca pela certificação é a compreensão clara e simplificada do texto.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão bibliográfica realizada evidenciou que historicamente a arquitetura efêmera vem desempenhando um papel social e comercial, sendo palco de trocas culturais e espaço para o desenvolvimento de inovações tecnológicas. Observou-se a adaptabilidade dessas estruturas ao longo do tempo de acordo com as demandas técnicas, culturais e estéticas.

Desde edificações desmontáveis no século XIX até as soluções modulares contemporâneas, fica evidente a evolução das técnicas e materiais utilizados nas construções temporárias, criando uma harmonia entre criatividade, flexibilidade e funcionalidade. A crescente preocupação com impactos ambientais e sociais na realização de eventos enfatiza a necessidade de incorporar ativamente princípios de desenvolvimento sustentável e normas como a ISO 20121.

Embora sejam de caráter temporário, as exposições e estruturas efêmeras se consolidaram como um importante modo de expressão cultural e experimentação no campo arquitetônico, permitindo interações espaciais e emocionais essenciais na trajetória da evolução da arquitetura. A revisão identificou lacunas na literatura brasileira, principalmente na integração entre arquitetura efêmera e sustentabilidade, com aspectos pouco explorados e de grande valia para pesquisas nacionais e internacionais.

Em síntese, a arquitetura efêmera ultrapassa o paradigma do tempo, contribuindo para a inovação arquitetônica, propagação cultural e compreensão do impacto de eventos temporários no meio ambiente e na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ABNT ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR ISO 20121 2012**: sistemas de gestão para sustentabilidade de eventos: Requisitos com orientações de uso. São Paulo: [s. n.], 2012.

ARBOIX, Ignacio Sanfeliu. **La construcció de l'espai: els delimitadors materials i els components efímers** in: ROQUETA MATÍAS, SANTIAGO; FORT MIR, JOSEP M. (Aproximacions al concepte d'arquitectura efímera.). *Arquitectura, Art i Espai Efímer*. 1 ed. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 1999. 1.3/ Cap.1. p. 35-45.

CARNIDE, Sara Joana Ferreira. **Arquiteturas Expositivas Efêmeras - Pavilhão Temporário em Roma**. 2012. 92 p. Dissertação de Mestrado — Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2012.

CUNHA, Gustavo Rodrigues et al. **Incentivo Governamental a Eventos Turísticos Sustentáveis**. 2016.

DANTAS, André Dias. **Os pavilhões brasileiros nas exposições internacionais**. 2010. Universidade de São Paulo, [s. l.], 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-15062010-102841/>. Acesso em: 29 out. 2025.

GIACAGLIA, Maria Cecília. **Organização de eventos: Teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 2006.

ISO 20121:2012. In: **ENCYCLOPEDIA of Sustainable Management**. Cham: Springer International Publishing, 2023. p. 2074. ISBN 9783031259838. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-031-25984-5_301300. Acesso em: 30 out. 2025.

LEVY, Ruth Nina Vieira Ferreira. **Entre Palácios e Pavilhões: A Arquitetura Efêmera da Exposição Nacional de 1908**. 1998. 213 p. Dissertação de Mestrado — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

LIMA, Dumara Regina et al. **A sustentabilidade dos megaeventos entre a regulação, a autorregulação e a justiça ambiental**. Revista Geográfica de América Central, v. 1, n. 66, p. 439-477, 1 jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15359/rgac.66-1.16>. Acesso em: 30 out. 2025.

LIMA, Emily Tavares. **Arquitetura da Experimentação: O Caso dos Pavilhões**. 2022. 372 p. Dissertação de Mestrado — Universidade Federal do Rio Grande Do Norte, Natal, 2022.

MACHADO, Annaelise Fritz; SOUSA, Bruno Miguel Barbosa de; LAVANDOSKI, Joice. **Olhares contemporâneos sobre Eventos em Turismo**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2023. 343 p.

MELO, Filipe Bernardo Dias de. **Arquitetura Efêmera**. 2019. 66 p. Trabalho de Conclusão de Curso — Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife, 2019.

MONASTERIO, Clelia Maria Coutinho Teixeira. **O processo de projeto da arquitetura efemera vinculada a feiras comerciais**. 2006. [s.n., s. l.], 2006. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/257851>. Acesso em: 29 out. 2025.

PAZ, Daniel. arquitextos 102.06: **Arquitetura efêmera ou transitória** | vitruvius. 9 nov. 2008. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.102/97>. Acesso em: 29 out. 2025.

RANZAN, Eni Maria. **A Gestão da Sustentabilidade em Eventos: As orientações da NBR ISO 20121**. 2016.

TONETTI, Ana Carolina. **Interseções entre arte e arquitetura. O caso dos pavilhões**. 2013. Universidade de São Paulo, [s. l.], 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-04072013-115801/>. Acesso em: 29 out. 2025.

SGS SOCIÉTÉ GÉNÉRALE DE SURVEILLANCE. **WHAT'S NEW with ISO 20121:2024 and Why Is It Important?** 13 maio 2024. Disponível em: <https://www.sgs.com/en/news/2024/05/whats-new-with-iso-20121-2024-and-why-is-it-important>. Acesso em: 30 out. 2025.